

Celeste Augusto (Utrecht)

**Dom Rafael Bluteau e Henry Yule —
ou a função do *Vocabulario Portuguez e Latino*
no *Hobson-Jobson***

1. Introdução

Há mais de 10 anos, fazendo um trabalho de cariz etimológico sobre uma série de vocábulos que, ou de filiação portuguesa ou servindo-se do português, foram importados para o francês, consultei repetidamente *A Glossary of Colloquial Anglo-Indian Words and Phrases, and of Kindred Terms, Etymological, Historical, Geographical and Discursive*, doravante simplesmente o *Glossary* ou o *Hobson-Jobson*¹. Estranei na altura o modo como algumas das fontes, sobretudo as lusitanas, como o *Vocabulario Portuguez e Latino*, eram tratadas e lateralizei o assunto, porém, não o esqueci de modo algum.

Ao tomar conhecimento do tema do presente Congresso, pensei ser agora o momento ideal para, finalmente, poder abordar o papel da obra lexicográfica de Dom Rafael Bluteau no referido Glossário.

O nosso objectivo é primeiro saber o que terá levado Yule e Burnell a consultarem o *Vocabulario Portuguez e Latino* e, seguidamente, verificar como, quando e porquê é que estes autores se utilizaram desta obra. Assim, não vamos fazer um levantamento exaustivo das palavras portuguesas ou do indo-português importadas pelo indo-inglês nem comentar, precisar ou corrigir percursos etimológicos apresentados.

Se no meio lexicográfico nacional o *Vocabulario*² é bem conhecido, o mesmo creio não acontecer com o *Glossary*, certamente por se tratar de uma obra dedicada a uma variante do inglês. No entanto, como adiante veremos, a informação contida é relevante, especialmente no que concerne os intercâmbios linguísticos existentes entre o português e as diferentes línguas orientais, particularmente na Índia. Esta

-
- 1 Hobson Jobson é a versão indo-inglesa da expressão Ya Hassan! Ya Hussain! Um lamento ritual que se ouve nas procissões dedicadas aos netos do Profeta, cf. Yule / Burnell (1984: 419-420).
 - 2 Acerca da importância deste texto de Rafael Bluteau no âmbito da lexicografia portuguesa veja-se, principalmente, Verdelho (1994).

importância é-nos também confirmada por David Lopes (1969) e por Sebastião Dalgado (1913), citando este último o *Glossary* frequentemente.

A nossa exposição iniciar-se-á com breves referências à obra de Dom Rafael Bluteau, sobretudo às fontes sobre matéria oriental ou relacionadas com o Oriente. Passaremos a considerar o *Glossary* do qual faremos uma caracterização global, incidindo também nas fontes de que os autores se socorreram e acentuando, obviamente, aquelas que estão em relação directa ou indirecta com os Portugueses na Índia ou com o indo-português. Para ilustrar as nossas considerações inserem-se em anexo algumas entradas, total ou parcialmente, do *Vocabulario* e do *Glossary*. Após esta parte de carácter mais introdutório, far-se-á uma análise interpretativa de algumas das entradas do *Glossary*. Para a análise, seleccionou-se o seguinte tipo de entradas:

1. entradas onde há referência a Rafael Bluteau,
2. entradas onde se esperaria uma referência a este lexicógrafo e não se encontra.

Feita a análise, esperamos dar uma resposta às questões acima formuladas e, se a não tivermos, pelo menos avançar uma hipótese relativa à estratégia seguida por Yule e Burnell no uso que fizeram do *Vocabulario*.

2. O Vocabulario Portuguez e Latino

Quando se consulta a obra de Rafael Bluteau um dos seus traços mais proeminentes é o carácter enciclopédico de muitos dos seus verbetes, o que é, sem dúvida, fruto do imenso e variado saber do autor.

A entrada não se limita a dar uma definição do vocábulo, segue-se-lhe a informação etimológica acompanhada por uma espécie de relato biográfico. Esta forma de abordar a palavra, conjugando a sua história linguística com a extra-linguística revela a importância dada por Bluteau não só às palavras como às coisas, como Murakawa (2002) também mencionou, e pode levar-nos a considerar o autor como um defensor *avant la lettre* da escola *Wörter und Sachen*.

A descrição detalhada, sobretudo no que diz respeito à fauna e à flora, o uso de terminologia apropriada, resultado do recurso aos tratados científicos, e o extenso apoio bibliográfico fizeram do *Vocabulario* uma fonte fidedigna do português da época. Este aspecto é também

confirmado por Murakawa (2002) que, numa consulta, como a autora diz ao acaso, extraiu 65 unidades catalogadas segundo uma área científica.

Saliente-se ainda um interesse muito marcado por tudo quanto vem do Oriente ou a ele se refere, sejam palavras ou sejam coisas, um interesse bastante evidente no largo desenvolvimento que lhes é dado ao longo de toda a obra.

2.1 As fontes

Para a produção dos 8 volumes e dos 2 de Suplemento que constituem o *Vocabulário* serviu-se Rafael Bluteau de um conjunto de fontes que ele próprio dividiu em:

1. autores portugueses,
2. livros portugueses cujo autor se dissimula, ou se ignora,
3. autores latinos.

A grande importância dada pelo autor às suas fontes, assim como à sua menção, vem expressa no primeiro volume num capítulo introdutório: «De todos os Autores Portuguezes que me vierão à mão fiz este catálogo, não só para seu crédito delles, mas para autoridade deste Vocabulário».

Deste modo procura o autor obstar a que se possa julgar que a informação veiculada é gratuita. O facto de os autores portugueses serem em número muito mais elevado, revela o peso que é dado à língua portuguesa; aos cerca de 300 autores portugueses acrescentam-se 14 títulos de livros portugueses, cuja autoria parece desconhecer-se. A estes números contrapõem-se apenas 47 autores latinos incluídos, segundo o autor, como «exemplares da boa latinidade».

Ainda no capítulo introdutório, o conjunto das fontes foi agrupado pelo próprio autor em 35 secções, segundo a matéria que versam, e que vão dos Adágios, à Cirurgia, passando, entre outras, pela Artilharia, pela Música, pela Medicina e pela História. Esta última é a mais extensa e está subdividida em subsecções compreendendo um elenco de 69 autores, dos quais 23 integram a subsecção História dos Portugueses na Ásia. Se atendermos ao facto de que relativamente à História de Portugal e à História dos Portugueses em África são mencionados apenas 17 e 6 autores respectivamente, o interesse de Rafael Bluteau pelas coisas do Oriente fica devidamente confirmado.

No tocante às fontes, há ainda a questão, já levantada por Murakawa (2002), das fontes não mencionadas por Rafael Bluteau, mas que alguma da informação veiculada pelo *Vocabulário* pressupõe que o seu autor as tenha consultado; entre estas, e também segundo Murakawa, encontram-se os *Colloquios* de Garcia de Orta. Estes, embora não estejam explicitamente incluídos na bibliografia, foram certamente considerados na elaboração do *Vocabulário*, a julgar pela informação transmitida em alguns dos seus verbetes.

3. O *Glossary* ou o *Hobson-Jobson*

Em 1886 foi publicado o *Glossary* ou, como é mais conhecido, o *Hobson-Jobson*. A obra é da autoria de Sir Henry Yule e Sir Arthur Burnell, este falecido em 1882, tendo nascido da correspondência entre ambos travada entre 1872 e 1882; além de serem orientalistas, ambos viveram na Índia e puderam verificar *in loco* a influência do indo-português no indo-inglês.

A formação linguística propriamente dita é, sobretudo, de Burnell, um profundo conhecedor de sânscrito que associava ao estudo de línguas do sul da Índia, do árabe, do tibetano, do copta, etc.

A obra não só reflecte a vasta erudição dos autores que cobre o conhecimento dos clássicos, a leitura de obras dos séculos XVII e XVIII, quer de carácter científico quer literário, de relatos de viagens, de narrativas de conquistas, como deixa transparecer um enorme interesse pelas coisas orientais e profundos conhecimentos da realidade adquiridos certamente aquando da sua permanência na Índia e copiosamente inseridos no *Glossary*. De Yule diz o seu biógrafo que tinha uma memória infalível, onde armazenava as referências colhidas nas leituras para na devida altura as usar. Da biografia de A. Burnell sabe-se que nos últimos anos da vida demonstrou um interesse muito especial pela história e literatura da Índia Portuguesa, tendo recolhido muitos e valiosos livros e publicado, entre outros, a versão italiana (com um prefácio e notas) de uma carta muito rara do rei Dom Manuel ao rei Fernando de Espanha relatando as viagens e conquistas de Portugal entre 1500 e 1505.

Em relação ao *Glossary*, há pelos menos três aspectos que gostaríamos de realçar: a precisão, a extensa documentação e, não de menor importância, o interesse que a sua leitura desperta, que é afinal dos propósitos (conseguidos) de Yule quando afirma no Prefácio: «My

first endeavour in preparing this work has been to make it accurate; my next to make it — even though a Glossary — interesting».

Sobre a precisão, e recorrendo a David Lopes (1969: 128), verifica-se que Yule regista no indo-inglês 87 vocábulos portugueses certos e 19 incertos,³ ao passo que Dalgado ([1913] 1989) afirma haver 172 certos e 1 incerto.⁴ Isto porque este último considera também portuguesas as palavras orientais importadas sob a forma portuguesa; nota-se também o rigor, quando uma palavra apresenta várias possíveis origens, no modo fundamentado como os autores se decidem, ou não, por lhe atribuir uma filiação; sobre a abundante documentação, falaremos no ponto seguinte e, quanto ao interesse basta, ler algumas das entradas que a seguir se considerarão e que são, na verdade, autênticos estudos monográficos.

A motivação para o recurso às mais variadas fontes portuguesas é-nos dada pelo próprio Yule na Introdução, sobretudo na p. xviii (p. 3 da edição digital):

The conquests and long occupation of the Portuguese, who by the year 1540 had established themselves in all the chief ports of India and the East, have, as might have been expected, bequeathed a large number of expressions to the European nations who have followed, and in great part superseded them. [...] The natives in contact with the Portuguese learned a bastard variety of the language of the latter, which became the *lingua franca* of intercourse, not only between European and native, but occasionally between Europeans of different nationalities. This Indo-Portuguese dialect continued to serve such purposes down to a late period in the last century, and has in some localities survived down nearly to our own day. The number of people in India claiming to be of Portuguese descent was, in the 17th century, very large.

E depois de ter documentado o passo anterior com três citações, acrescenta:

It may from these remarks be easily understood how a large number of our Anglo-Indian colloquialisms, even if eventually traceable to native

3 Sobre a influência do português ou do indo-português no indo-inglês, veja-se Serjeantson (1962).

4 Apenas a título de curiosidade e até porque este trabalho não tem como objetivos um levantamento e estudo dos vocábulos que transitaram do português ou indo-português para outras línguas, segundo Sannasgala (1976), em singalês, língua oficial do Sri-Lanka, existem hoje 82 palavras oriundas do português, 35 designando conceitos vindos de fora e 47 aplicadas a conceitos nativos cuja denominação vernácula foi grandemente substituída pela portuguesa ou indo-portuguesa.

sources (and especially to Mahratti, or Dravidian originals) have come to us through a Portuguese medium, and often bear traces of having passed through that alembic. Not a few of these are familiar all over India, but the number current in the South is larger still. Some other Portuguese words also, though they can hardly be said to be recognized elements in the Anglo-Indian colloquial, have been introduced either into Hindustani generally, or into that shade of it which is in use among natives in habitual contact with Europeans.

Seguem-se outros passos, onde de novo se alude ao papel do português na emergência do indo-inglês, como fonte ou como veículo transmissor.

Uma outra prova da grande importância que os autores deram à influência do indo-português no indo-inglês é confirmada pela inclusão de uma série de breves notas gramaticais na parte introdutória do *Glossary*.

3.1 As fontes

À semelhança do que fizemos com o *Vocabulário*, vamos agora considerar o material referencial usado na produção do *Glossary*, com incidência no material relacionado com as viagens feitas pelos portugueses, com a sua presença no Oriente e/ou com o indo-português.

As fontes aparecem no início da obra, catalogadas em duas listas:

- 1- lista de glossários e dicionários de línguas indianas, com 30 títulos e onde vem incluído o Vocabulário de 138 palavras portuguesas com o seu equivalente na *Língua de Calicut*, ou seja Malayalam, apenso ao *Roteiro de Vasco da Gama*,
- 2- lista de títulos de obras citadas no *Glossary* de onde se destacam: 31 autores portugueses, alguns com dois trabalhos, 4 colectâneas ou colecções do tipo *Annaes Marítimos* e *Archivo Português Oriental*, abarcando vários anos, e 4 outras obras explicitamente sobre os portugueses na Índia e de autores não portugueses.

Alguns dos registos são acrescidos por comentários editoriais sobre o conteúdo da obra ou sobre o seu autor; é o que acontece com *Décadas da Ásia* de João de Barros, *História do Descobrimento e Conquista da Índia* de Fernão Lopes de Castanheda, *Colóquios ...* de García de Orta e outros.

A título de exemplo, eis alguns números para indicar a relevância dada por Yule e Burnell, no estudo do indo-inglês, às fontes de autores

portugueses e aos textos que reflectem os contactos com os portugueses, assim como influências exercidas por estes ou pelo indo-português:

- 1- a menção *português* por extenso aparece em 332 entradas,
- 2- a menção abreviada *port.* entra em 184 entradas que não incluem a palavra *português*,
- 3- *Bluteau* é citado em 44 entradas,
- 4- *Garcia (de Orta)* é mencionado em 119 entradas em 4 das quais surge apenas o nome Orta,
- 5- (J. de) *Barros* aparece em 167 entradas,
- 6- (Gaspar) *Correa* é referido em 152 entradas,
- 7- (Duarte) *Barbosa* é mencionado em 137 entradas,
- 8- Camões, no original geralmente seguido pela tradução⁵ por Burton⁶, é citado em 59 entradas.

Estes são apenas alguns exemplos, pois, o mesmo tipo de levantamento poderia ser feito relativamente a *Fernão Mendes Pinto*, *Diogo do Couto*, *D. João de Castro*, *Fernão Lopes de Castanheda*, *Garcia de Resende* ou *Godinho de Eredia*.

Uma comparação entre as fontes das duas obras revelou-nos a presença de 10 títulos comuns, havendo também a assinalar o facto de alguns autores serem citados por ambas, mas em relação a títulos diferentes. Para ilustrar o que acabamos de apresentar, remetemos, devido à falta de espaço, apenas para as entradas *pao* e *mogol* do *Vocabulario* e *pardao* do *Glossary*, em anexo. Contudo, verbetes como *typhoon*, *compound*, *elephant* merecem ser consultados. Estes textos são exemplificativos do carácter enciclopédico e/ou monográfico apresentado por essas entradas; além disso, relativamente a R. Bluteau, por exemplo, mostram o grande interesse e o conhecimento do autor sobre a Índia e tudo o que com ela se possa relacionar.

3. O *Glossary* e o recurso a Bluteau

Passamos agora a uma análise-comentário de algumas entradas do *Glossary*. Como acima se disse, abordaremos dois tipos de entrada:

5 É o caso das entradas: *assegay*, *bird of paradise*, *bumba*, *caffer*, etc.

6 Sir R. F. Burton traduziu em 1880 *Os Lusíadas* em dois volumes e em 1881 publicou outros dois volumes acerca da vida do poeta e com comentários.

1º Grupo: entradas onde há referência a Rafael Bluteau.

2º Grupo: entradas onde se poderia esperar uma referência a Rafael Bluteau.

1º Grupo: entradas onde há referência a Rafael Bluteau

O quadro seguinte apresenta os 44 verbetes do *Glossary* onde os autores se referem a R. Bluteau. A primeira coluna dá a palavra tratada, a página em que se encontra e a tradução ou o seu referente, a segunda coluna procura, esquematicamente, indicar o resultado do modo como Yule e Burnell se serviram do *Vocabulário*.

	Entrada	Função
1.	<i>adam's apple</i> (4) // planta	Z
2.	<i>aldea</i> (12) // aldeia	X
3.	<i>alligator</i> (14) // animal	Z
4.	<i>amshom</i> (22) // amoque	Y/Z
5.	<i>andor</i> (29) // padiola	Z
6.	<i>bengala</i> (86) // bastão	X/Z
7.	<i>berberi</i> (87, 88) // doença	Z
8.	<i>boutique</i> (108) // loja	X
9.	<i>boy</i> (110) // carregador	Z
10.	<i>buxery</i> (138) // soldado armado	Z
11.	<i>calay</i> (145) // estanho	Z
12.	<i>caravel</i> (162) // embarcação	X
13.	<i>carnatic fash</i> (116) // embarcação	Z
14.	<i>catur</i> (175) // embarcação	Z
15.	<i>chit, chitty</i> (203) // nota escrita	X?
16.	<i>chop</i> (207) // chapa metálica	Y
17.	<i>cobra de cape</i> (225) // animal	X
18.	<i>cornac</i> (256) // tratador de elefantes	Y/Z
19.	<i>corral</i> (259) // curral	X?/Z/
20.	<i>cotia</i> (265) // embarcação	Z
21.	<i>curry</i> (282) // condimento	Y
22.	<i>dhow, dow</i> (315) // embarcação	Z
23.	<i>eagle-wood</i> (335) // planta	Z
24.	<i>gallevat</i> (361) // embarcação	X
25.	<i>gingham</i> (376) // tecido	Z
26.	<i>godown</i> (381) // loja subterrânea	Z

	Entrada	Função
27.	gram (393) // planta	X
28.	jangar (450) // jangada	Y/Z
29.	maistry, mist (538) // mestre	X
30.	mogul, the great (572) // título	Y/Z
31.	mort de chien (587) // doença	Y/Z
32.	mordexim, mor ... (589) // peixe	Y/Z
33.	mungoose (596) // animal	Y?/Z
34.	mustees, mest (604) // mestiço	X
35.	nabob (610, 611) // título	Y
36.	panicale (669) // doença	Z
37.	pial (703) // poial	X
38.	pintado (714) // animal	X
39.	plantain (715) // planta	X ?Z
40.	rolong (767) // farinha	X
41.	sanguicel (791) // embarcação	Y?/Z
42.	seer-fish (808) // peixe	X
43.	sura, s. toddy (874) // bebida	Y
44.	veranda (965) // varanda	X

X = de origem portuguesa

Y = importada através do português ou do indo-português

Z = tem uma interpretação por Rafael Bluteau

Da leitura da tabela concluímos que 13 palavras foram consideradas de origem portuguesa certa e a filiação portuguesa de três é duvidosa. Em 15 outras entradas de palavras de origem não portuguesa, as marcadas com Z, Yule e Burnell recorrem a R. Bluteau com os seguintes propósitos:

1. para refutar associações feitas; ex.: *Adam's Apple*, *Chop*, *Eagle-wood*,
2. para dar uma definição da palavra e contribuir para precisar a sua origem; ex.: *Andor*, *Gingham*,
3. para principalmente recolher informação sobre a Índia ou que com ela se relacione.

Bluteau é citado de dois modos: em português, o que é raro, apenas acontece nas entradas *Aldea*, *Amshom* (*amouco*), *Beriberi*, *Go-down* (loja subterrânea), *Nabob*, *Sanguicel* (embarcação) e *Veranda*; nas restantes ou está traduzido ou é parafraseado.

De qualquer forma, o conhecimento que Yule e Burnell apresentam do *Vocabulário* parece ser profundo, pois, em entradas como, por exemplo, *Adam's Apple*, os autores referem-se à associação, segundo eles errônea, que Bluteau faz no verbete *Zamboia* com este fruto. Uma vez que não mencionam a entrada *Pomo de Adão* do *Vocabulário*, onde realmente parece tratar-se do referente de *Adam's Apple*, pressupõe-se que concordam com o seu conteúdo.

2º Grupo: entradas onde se esperaria uma referência a R. Bluteau

Neste segundo quadro, apresentam-se apenas algumas das entradas referentes a vocábulos considerados de origem portuguesa e onde não se encontra qualquer tipo de referência ao *Vocabulário*, mas sim a outros autores, portugueses ou não, ou obras sobre os portugueses e o Oriente. À semelhança do que se fez no quadro anterior, damos, na primeira coluna, o vocábulo como é apresentado, a página onde aparece registado e a sua forma portuguesa original; a segunda coluna indica que a palavra mereceu a atenção de Bluteau, acrescentando-se por vezes o modo como este último o fez.

Entrada	Registado em Bluteau
<i>Aya</i> (42) // aia	X
<i>Bandejah</i> (58) // bandeja	X
<i>Batel</i> (71) // batel	X
<i>Bayadère</i> (75) // bailadeira	X; bailadeira
<i>Bowla</i> (108) // bahul/ baúl/ baú	X; bahul
<i>Brab</i> (111) // bravo	X
<i>Cameez</i> (151) // camisa	X; desenvolvido
<i>Caste</i> (170) // casta	X; bem desenvolvido
<i>Castees</i> (172) // castiço	X; com o mesmo sentido
<i>Compradore</i> (243) tipo de mordomo	X
<i>Covid</i> (268) // côvado	X; desenvolvido
<i>Cumra</i> (268) câmara	X; desenvolvido
<i>Cuspadore</i> (284) «cuspadeira»	X; cuspeira
<i>Fogass</i> (356) // tipo de bolo	X; desenvolvido
<i>Gentoo</i> (367) // gentio	X; bem desenvolvido
<i>Istoop</i> (440) // estopa	X; com etimologia
<i>Kittysol</i> (487) // quita-sol	X
<i>Margosa</i> (559) // árvore (nimbo)...	X; amargoso

Entrada	Registado em Bluteau
<i>Moor</i> (581) // mouro	X
<i>Mosquito</i> (590) // mosquito	X
<i>Oart</i> (635) // horta	X
<i>Peon</i> (696) // pião	X; desenvolvido
<i>Picotta</i> (704) // termo náutico, picota	X
<i>Towleea</i> (937) // toalha	X; com etimologia
<i>Vellard</i> (964) // valado	X

Muito embora todas estas palavras tivessem merecido a atenção de Bluteau, algumas tivessem adquirido uma extensão semântica ligada ao seu emprego no Oriente e outras até tivessem sido objecto de um desenvolvimento, tudo isto parece não ter sido motivo suficiente para os autores do *Glossary*, aquando do seu tratamento, se referirem ao autor do *Vocabulario*. Isto não quer dizer que não se tenham servido de outras fontes e mesmo de portuguesas. Em relação, porém, a certas palavras como, por exemplo, *istoop*, apenas se dá a referência de um dicionário naval inglês-hindustano. Na realidade, a palavra estopa, embora apareça em Bluteau com etimologia e até com uma referência a Santo Isidoro, não apresenta interesse para a história do indo-inglês. Em outras palavras como *cumra*, os autores não fazem qualquer abonação, o que quer, certamente, dizer que estão absolutamente certos da filiação que atribuíram à palavra, não precisando de qualquer confirmação.

Margosa, por exemplo, apresenta outro caso que é o seguinte: margosa é o nome dado pelos portugueses, no sul da Índia e em Ceilão, à árvore a que os hindus chamavam Nim (do sânscrito nimba) que deu em hindo-inglês *neem* e que Garcia de Orta denominava nimbo, portanto, uma referência à entrada *amargoso* (de sabor pouco agradável) do *Vocabulario* pouco adiantaria.

Reflexões finais

Como epílogo deste texto e à guisa de síntese, podemos afirmar que não foi apenas como suporte dicionarístico e etimológico que Yule e Burnell se serviram da obra lexicográfica de Dom Rafael Bluteau. Foi fundamentalmente o carácter enciclopédico do *Vocabulario* e a vasta informação linguística e extra-linguística sobre a fauna, a flora, as viagens marítimas e os aspectos etnográficos das terras do Oriente, em

especial da Índia, que ele veicula, que levaram os autores do *Glossary* à sua consulta.

Assim, talvez não seja tanto de estranhar que no segundo grupo de entradas não se verifique qualquer referência a Bluteau, isto porque o interesse de Yule e Burnell não reside no português em si, mas assenta no papel que este último teve enquanto medianeiro entre o Ocidente e a Índia.

Bibliografia

Monografias

Bluteau, Dom Rafael (1713-1723): *Vocabulario Portuguez e Latino*, Edição em CD-ROM pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, s.a.

Dalgado, Sebastião Rodolfo ([1913] 1989): *Influência do Vocabulário Português em Línguas Asiáticas*, Lisboa: Escher.

Lopes, David (1969): *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos Séculos XVI, XVII e XVIII*, reedição actualizada com notas e prefácios de Luís de Matos, Porto: Portucalense Editora.

Serjeantson, Mary (1962): *A History of Foreign Words in English*, London: Routledge / Kegan Paul.

Sannasgala, Punchi Bandāra (1976): *A Study of Sinhala Vocables of Dutch Origin*, Sri Lanka: The Netherlands Alumni Association.

Yule, Henry / Burnell, Arthur Coke (1903): *Hobson-Jobson. A Glossary of Colloquial Anglo-Indian Words and Phrases, and of Kindred Terms, Etymological, Historical, Geographical and Discursive*, New Edition ed. by William Crooke; fourth edition: 1984, New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers.

Artigos em miscelâneas, Festschrift, etc.

Verdelho, Telmo (1994): «Lexicografia» (Portugiesisch: Lexikographie), em: Holtus, Günter / Metzeltin, Michael / Schmitt, Christian (eds.): *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)*, Vol. VI, 2, Tübingen: Max Niemeyer, pp. 673-692.

Textos da Internet

Murakawa, Clotilde de Almeida Azevedo (2002): *D. Raphael Bluteau: marco na lexicografia portuguesa de setecentos*, Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras — UNESP <<http://www.fflch.usp.br/dl/anpoll2/clotildecoloquio2002htm>> (15.02. 2006).

Anexo 1:

YULE / Glossary: entrada "PARDAO", pp. 672-678 [texto encurtado]

PARDAO, s. This was the popular name among the Portuguese of a gold coin from the native mints of Western [p. 673] India, which entered largely into the early currency of Goa, and the name of which afterwards attached to a silver money of their own coinage, of constantly degenerating value.

There could hardly be a better word with which to associate some connected account of the coinage of Portuguese India, as the *pardao* runs through its whole history, and I give some space to the subject, not with any idea of weaving such a history, but in order to furnish a few connected notes on the subject, and to correct some flagrant errors of writers to whose works I naturally turned for help in such a special matter, with little result except that of being puzzled and misled, and having time occupied in satisfying myself regarding the errors alluded to. The subject is in itself a very difficult one, perplexed as it is by the rarity or inaccessibility of books dealing with it, by the excessive rarity (it would seem) of specimens, by the large use in the Portuguese settlements of a variety of native coins in addition to those from the Goa mint,[note 1] by the frequent shifting of nomenclature in the higher coins and constant degeneration of value in the coins that retained old names. I welcomed as a hopeful aid the appearance of Dr. Gerson D'Acunha's *Contributions to the Study of Indo-Chinese Numismatics*. But though these contributions afford some useful facts and references, on the whole, from the rarity with which they give data for the intrinsic value of the gold and silver coins, and from other defects, they seem to me to leave the subject in utter chaos. Nor are the notes which Mr. W. de G. Birch appends, in regard to monetary values, to his translation of Alboquerque, more to be commended. Indeed Dr. D'Acunha, when he goes astray, seems sometimes to have followed Mr. Birch.

The word *pardao* is a Portuguese (or perhaps an indigenous) corruption of Skt. *pratapa*, 'splendour, majesty', &c., and was no doubt taken, as Dr. D'Acunha says, from the legend on some of the coins to which the name was applied, e.g. that of the Raja of Ikkeri in Canara: *Sri Pratapa krishna-raya*.

A little doubt arises at first in determining to what coin the name *pardao* was originally attached. For in the two earliest occurrences of the word that we can quote – on the one hand Abdurrazzak, the Envoy of Shah Rukh, makes the *partab* (or *pardao*) half of the *Varaha* ('boar', so called from the Boar of Vishnu figured on some issues), *hun*, or what we call **pagoda**; – whilst on the other hand, Ludovico Varthema's account seems to identify the *pardao* with the pagoda itself. And there can be no doubt that it was to the pagoda that the Portuguese, from the beginning of the 16th century, applied the name of *pardao d'ouro*. The money-tables which can be directly formed from the statements of Abdurrazzak and Varthema respectively are as follows: [...] And the **Pardao** was a gold ducat, smaller than the seraphim [...] of Cairo (gold dinar), but thicker. The question arises whether the *varaha* of Abdurrazzak was the double pagoda, of which there are some examples in

the S. Indian coinage, and his *partab* therefore the same as Varthema's, *i.e.* the pagoda itself; or whether his *varaha* was the pagoda, and his *partab* a half-pagoda. [...].

In further illustration that the **pardao** was recognised as a half *hun* or pagoda, we quote in a foot-note "the old arithmetical tables in which accounts are still kept" in the south, which Sir Walter Elliot contributed to Mr. E. Thomas's excellent *Chronicles of the Pathan Kings of Delhi, illustrated, &c.*

Moreover, Dr. D'Acunha states that in the "New Conquests", or provinces annexed to Goa only about 100 years ago, "the accounts were kept until lately in *sanvoy* and *nixane* pagodas, each of them being divided into 2 **praptas** ..." &c. (p. 46, note).

As regards the value of the *pardao d'ouro*, when adopted into the Goa currency by Albuquerque, Dr. D'Acunha tells us that it "was equivalent to 370 *reis*, or 1s. 6fd. English". Yet he accepts the identity of this *pardao d'ouro* with the *hun* current in Western India, of which the Madras pagoda was till 1818 a living and unchanged representative, a coin which was, at the time of its abolition, the recognised equivalent of 3f rupees, or 7 shillings. And doubtless this, or a few pence more, was the intrinsic value of the *pardao*. Dr. D'Acunha in fact has made his calculation from the *present* value of the (imaginary) *rei*. Seeing that a *milrei* is now reckoned equal to a dollar, or 50d., we have a single *rei* = 1f20d., and 370 *reis* = 1s. 6fd. It seems not to have occurred to the author that the *rei* might have degenerated in value as well as every other denomination of money with which he has to do, every other in fact of which we can at this moment remember anything, except the pagoda, the Venetian sequin, and the dollar [note 5]. Yet the fact of this degeneration everywhere stares him in the face. Correa tells us that the *cruzado* which Albuquerque struck in 1510 was the just equivalent of 420 *reis*. It was indubitably the same as the *cruzado* of the mother country, and indeed A. Nunez (1554) gives the same 420 *reis* as the equivalent of the *cruzado d'ouro de Portugal*, and that amount also for the Venetian sequin, and for the *sultani* or Egyptian gold dinar. Nunez adds that a gold coin of Cambaya, which he calls **Madrafaxao** (q.v.), was worth 1260 to 1440 *reis*, according to variations in weight and exchange. We have seen that this must have been the gold-mohr of Muzaffar-Shah II. of Guzerat (1511-1526), the weight of which we learn from E. Thomas's book. [...].

Dr. D'Acunha himself informs us (p. 56) that at the beginning of the 17th century the Venetian was worth 690 to 720 *reis* (mean 705 *reis*), whilst [p. 675] the pagoda was worth 570 to 600 *reis* (mean 585 *reis*).

These statements, as we know the intrinsic value of the sequin, and the approximate value of the pagoda, enable us to calculate the value of the *rei* of about 1600 at ... 0m16d. Values of the *milrei* given in Milburn's *Oriental Commerce*, and in Kelly's *Cambist*, enable us to estimate it for the early years of the last century. We have then the progressive deterioration as follows: [...].

Yet Dr. D'Acunha has valued the coins of 1510, estimated in *reis*, at the rate of 1880. And Mr. Birch has done the same. The Portuguese themselves

do not seem ever to have struck gold *pardaos* or pagodas. The gold coin of Albuquerque's coinage (1510) was, we have seen, a *cruzado* (or *manuel*), and the next coinage in gold was by Garcia de Sa in 1548-1549, who issued coins called *San Thome*, worth 1000 *reis*, say about p1, 2s. 4d.; with halves and quarters of the same. Neither, according to D'Acunha, was there silver money of any importance coined at Goa from 1510 to 1550, and the coins then issued were silver San Thomes, called also *patacoes* (see *pataca*). Nunez in his *Tables* (1554) does not mention these by either name, but mentions repeatedly *pardaos*, which represented 5 silver *tangas*, or 300 *reis*, and these D'Acunha speaks of as silver *coins*. Nunez, as far as I can make out, does not speak of them as coins, but rather implies that in account so many *tangas* of silver were reckoned as a *pardao*. Later in the century, however, we learn from Balbi (1580), Barrett (1584), and Linschoten (1583-1589), the principal currency of Goa consisted of a silver coin called *xerafin* (see *xerafine*) and *pardao-xerafin*, which was worth 5 *tangas*, each of 60 *reis*. (So these had been from the beginning, and so they continued, as is usual in such cases. The scale of sub-multiples remains the same, whilst the value of the divisible coin diminishes. Eventually the lower denominations become infinitesimal, like the *maravedis* and the *reis*, and either vanish from memory, or survive only as denominations of account.) The data, such as they are, allow us to calculate the *pardao* or *xerafin* at this time as worth 4s. 2d. to 4s. 6d.

A century later, Fryer's statement of equivalents (1676) enables us to use the stability of the Venetian sequin as a gauge; we then find the *tanga* gone down to 6d. and the *pardao* or *xerafin* to 2s. 6d. Thirty years later Lockyer (1711) tells us that one rupee was reckoned equal to 1f *perdo*. Calculat [p. 676] ing the Surat Rupee, which may have been probably his standard, still by help of the Venetian (p. 262) at about 2s. 3d., the *pardao* would at this time be worth 1s. 6d. It must have depreciated still further by 1728, when the Goa mint began to strike rupees, with the effigy of Dom Joao V., and the half-rupee appropriated the denomination of *pardao*. And the halfrupee, till our own time, has continued to be so styled. I have found no later valuation of the Goa Rupee than that in *Prinsep's Tables* (Thomas's ed., p. 55), the indications of which, taking the Company's Rupee at 2s., would make it 21d. The *pardao* therefore would represent a value of 10fd., and there we leave it.

[On this Mr. Whiteway writes: "Should it be intended to add a note to this, I would suggest that the remarks on coinage commencing at page 67 of my *Rise of the Portuguese Power in India* be examined, as although I have gone to Sir H. Yule for much, some papers are now accessible which he does not appear to have seen. There were two *pardaos*, the *pardao d'ouro* and the *pardao de tanga*, the former of 360 *reals*, the latter of 300. This is clear from the *Foral* of Goa of Dec. 18, 1758 (India Office MSS. *Conselho Ultramarino*), which passage is again quoted in a note to Fasc. 5 of the *Archiv. Port. Orient.* p. 326. Apparently *patecoons* were originally coined in value equal to the *pardao d'ouro*, though I say (p. 71) their value is not recorded. The *patecoon* was a silver coin, and when it was tampered with, it still remained of the nominal value of the *pardao d'ouro*, and this was the cause of the outcry

and of the injury the people of Goa suffered. There were monies in Goa which I have not shown on p. 69. There was the *tanga branca* used in revenue accounts (see Nunez, p. 31), nearly but not quite double the ordinary *tanga*. This money of account was of 4 *barganims* (see bargany) each of 24 *bazarucos* (see budgrook), that is rather over 111 *reals*. The whole question of coinage is difficult, because the coins were continually being tampered with. Every ruler, and they were numerous in those days, stamped a piece of metal at his pleasure, and the trader had to calculate its value, unless as a subject of the ruler he was under compulsion.”]

1444. – “In this country (Vijayanagar) they have three kinds of money, made of gold mixed with alloys: one called *varahah* weighs about one *mithkal*, equivalent to two dinars *kopeki*; the second, which is called **pertab**, is the half of the first; the third, called *fanom*, is equivalent in value to the tenth part of the last-mentioned coin. Of these different coins the *fanom* is the most useful. ...” – *Abdurrazzak*, in *India in the XVth Cent.* p. 26.

c. 1504-5; pubd. 1510. – “I departed from the city of Dabuli aforesaid, and went to another island, which ... is called Goga (Goa) and which pays annually to the King of Decan 19,000 gold ducats, called by them **pardai**. These pardai are smaller than the seraphim of Cairo, but thicker, and have two devils stamped on one side, and certain letters on the other.” – *Varthema*, pp. 115-116.

[...] his money consists of a **pardao**, as I have said. He also coins a silver money called tare (see tara), and others of gold, twenty of which go to a *pardao*, and are called fanom. And of these small ones of silver, there go sixteen to a fanom. ...” – *Ibid.* p. 130.

1510. – “Meanwhile the Governor (Albo-querque) talked with certain of our people who were goldsmiths, and understood the alligation of gold and silver, and also with goldsmiths and money – changers of the country who were well acquainted with that business. There were in the country **pardaos** of gold, worth in gold 360 *reys*, and also a money of good silver which they call *barganym* (see bargany) of the value of 2 *vintems*, and a money of copper which they call *bazarucos* (see budgrook), of the value of 2 *reis*. Now all these the Governor sent to have weighed and assayed. And he caused to be made *cruzados* of their proper weight of 420 *reis*, on which he figured on one side the cross of Christ, and on the other a sphere, which was the device of the King Dom Manuel; and he ordered that this *cruzado* should pass in the place (Goa) for 480 *reis*, to prevent their being exported ... and he ordered silver money to be struck which was of the value of a **bargany**; on this money he caused to be figured on one side a Greek A, and on the other side a sphere, and gave the coin the name of *Espera*; it was worth 2 *vintems*; also there were half *esperas* worth one *vintem*; and he made *bazarucos* of copper of the weight belonging to that coin, with the A and the sphere; and each *bazaruco* he divided into 4 coins which they called *cepayquas* (see sapeca), and gave the *bazarucos* the name of *leaes*. And in changing the cruzado into these smaller coins it was reckoned at 480 *reis*.” – *Correa*, ii. 76-77.

1516. – “There are current here (in Bati- cala – see batcul) the *pardaos*, which are a gold coin of the kingdom, and it is worth here 360 *reis*, and there is another coin of silver, called *dama*, which is worth 20 *reis*. ...” – *Barbosa*, Lisbon ed., p. 293 [p. 677].

1516. – “There is used in this city (Bis- nagar) and throughout the rest of the Kingdom much pepper, which is carried hither from Malabar on oxen and asses; and it is all bought and sold for **pardaos**, which are made in some places of this Kingdom, and especially in a city called Hora (?), whence they are called *horaos*.” – *Barbosa*, Lisbon ed., p. 297.

1552. – “Hic Sinam mercatorem indies exspecto, quo cum, propter atrocis poenas propositas iis qui advenam sine fide publica introduxerint, **Pirdais** ducentis transegi, ut me in Cantonem trajiciat.” – *Scti. Franc. Xaverii Epist.*, Pragae, 1667, IV. xiv.

1553. – “R. Let us mount our horses and take a ride in the country, and as we ride you shall tell me what is the meaning of *Nizamoxa* (see *nizamaluco*), as you have frequently mentioned such a person.

“O. I can tell you that at once; it is the name of a King in the Bagalat (read Balagat, **Balaghaut**), whose father I often attended, and the son also not so often. I received from him from time to time more than 12,000 **pardaos**; and he offered me an income of 40,000 *pardaos* if I would pay him a visit of several months every year, but this I did not accept.” – *Garcia*, f. 33v.

1584. – “For the money of Goa there is a kind of money made of lead and tin mingled, being thicke and round, and stamped on the one side with the spheare or globe of the world, and on the other side two arrows and five rounds; and this kind of money is called *Basaruchi*, and 15 of them make a vinton of naughty money, and 5 *vintons* make a tanga, and 4 *vintenas* make a tanga of base money ... and 5 *tangas* make a seraphine of gold (read ‘of silver’), which in marchandize is worth 5 *tangas* good money: but if one would change them into *basaruchies*, he may have 5 *tangas*, and 16 *basaruchies*, which matter they call *cerafaggio*, and when the bargain of the **pardaw** is gold, each *pardaw* is meant to be 6 *tangas* good money, but in purchandize, the vse is not to demaund *pardawes* of gold in Goa, except it be for jewels and horses, for all the rest they take of seraphins of silver, per aduiso. ... The ducat of gold is worth 9 *tangas* and a halfe good money, and yet not stable in price, for that when the ships depart from Goa to Cochin, they pay them at 9 *tangas* and 3 fourth partes, and 10 *tangas*, and that is the most that they are worth. ...” – *W. Barret*, in *Hakl*, ii. 410. I retain this for the old English, but I am sorry to say that I find it is a mere translation of the notes of Gasparo Balbi, who was at Goa in 1580. We learn from Balbi that there were at Goa *tangas* not only of good money worth 75 *basarucchi*, and of bad money worth 60 *basarucchi*, but also of another kind of bad money used in buying wood, worth only 50 *basarucchi*!

1598. – “The principall and commonest money is called **Pardaus Xera-phiins**, and is silver, but very brasse (read ‘base’), and is coyned in Goa. They have Saint Sebastian on the one side, and three or four arrows in a bundle on the other side, which is as much as three Testones, or three hundred

Reijs Portingall money, and riseth or falleth little lesse or more, according to the exchange. There is also a kind of money which is called **Tangas**, not that there is any such coined, but are so named onely in telling, five Tangas is one **Pardaw** or **Xeraphin**, badde money, for you must understande that in telling they have two kinds of money, good and badde. ... Wherefore when they buy and sell, they bargain for good or badde money”, &c. – *Linschoten*, ch. 35; [Hak. Soc. i. 241, and for another version see *xeraphine*].

“They have a kind of money called **Pagodes** which is of Gold, of two or three sortes, and are above 8 **tangas** in value. They are Indian and Heathenish money, with the feature of a Devill upon them, and therefore they are called Pagodes. There is another kind of gold money, which is called *Venetanders*; some of Venice, and some of Turkish coine, and are commonly (worth) 2 **Pardawe Xeraphins**. There is yet another kind of golde called S. Thomas, because Saint Thomas is figured thereon and is worth about 7 and 8 *Tangas*: There are likewise Rialles of 8 which are brought from Portingall, and are *Pardawes de Reales*. ... They are worth at their first coming out 436 Reyes of Portingall; and after are rayzed by exchaunge, as they are sought for when men travell for China ... They use in Goa in their buying and selling a certaine maner of reckoning or telling. There are *Pardawes Xeraphins*, and these are silver. They name likewise *Pardawes* of Gold, and those are not in kinde or in coyne, but onely so named in telling and reckoning: for when they buy and sell Pearles, stones, golde, silver and horses, they name but so many *Pardawes*, and then you must understand that one *Pardaw* is sixe *Tangas*: but in other ware, when you make not your bargain before hand, but plai-nely name *Pardawes*, they are *Pardawes Xeraphins* of 5 *Tangas* the peece. They use also to say a *Pardaw* of *Lariins* (see *Larin*), and are five *Lariins* for every *Pardaw* ...” – *Ibid.*; [Hak. Soc. i. 187]. This extract is long, but it is the completest picture we know of the Goa currency. We gather from the passage (including a part that we have omitted) that in the latter part of the 16th century there were really no national *coins* there used intermediate between the *basaruccho*, worth at this time 0m133d., and the **pardao xerafin** [p. 678] worth 50d [note11] The *vintens* and *tangas* that were nominally interposed were mere names for certain quantities of basaruccos, or rather of *reis* represented by basaruccos. And our interpretation of the statement about *pardaos* of gold in a note above is here expressly confirmed.

[1599. – “**Perdaw**.” See under TAEI.]

c. 1620. – “The gold coin, struck by the rais of Bijanagar and Tiling, is called *hun* and **partab**.” – *Firishta*, quoted by *Quatremere*, in *Notices et Exts.* xiv. 509.

1643. – “... estant convenu de prix avec luy a sept **perdos** et demy par mois tant pour mon viure que pour le logis. ...” – *Mocquet*, p. 284.

Anexo II:

BLUTEAU / Vocabulario; entrada PAO, pp. 228-230

228

PAO

PAO

Pao. Diz-se genericamente de qualquer lenha, & madeyra, v.g. Não he isto pedra, he pao. *Lignum, i. Neut.*

Coufa de pao. *Ligneus, a, um. Cic.* Tibullo diz, *Deus ligneus*. Hum deos de pao. (Falla nos idolos dos Gentios.) Cicero diz, *Sole lignee*, Sapatos de pao. Hum pequeno candieyro de pao. *Lychnus ligneolus. Cic.*

Adagios Portuguezes do pao. A mancoço mao, com mao, & com pao. Homem grande, besta de pao. Em quanto vay, & vem o pao, folgão as costas.

Pao. Bordaão, cajado, &c. *Vid.* no seu lugar.

Dar em alguém com hum pao. *Aliquem bacillo cadere. Cic. Alieni fustem impingere. Caelius ad Cicer. Vid.* Fustigar.

Pao com ponta, & que se finca no chaão, para estacadas. *Palus, i. Masc. Columel.* Pao grosso, & torte, com que se fazem palissadas nos cercos das praças. *Vallus, i. Masc. Tit. Liv.*

Pao de rasoura. *Vid.* Rasoura.

Pao d'aguila, ou d'aguia. He hũa madeyra salpicada de varias pintas, cheyrota, & estiprica ao gosto, com algum amargor. A casca parece couro, ou pelle de varias cores. As folhas são adentadas, espessas, compridas de algũs quatro pés, & da largura da base se vão estreitando, & terminão em ponta. A flor he de hum vermelho, misturado de amarello, & dobrada como a do cravo. Desta flor sahe hum fruto redondo, branco, & vermelho, & do tamanho de huma grossa ervilha. Das folhas abertas com faca fetira o çumo, & em cabações se recolhe. Este çumo defecado ao Sol, parece resina. Quando he grosso, & espello, chamão-lhe *Aloes Caballino*, porque serve para cavallos; quando he mais limpo, & delgado, chamão-lhe *Aloes hepatico*, porque tira a cor do figado; & quando he purissimo, & fino, chamão-lhe *Aloes succotrina*, porque elle vem da Ilha de Socotora. O pao d'aguila da America, a que

PAO

chamão *Macronato folio*, cresce em taõ breve tempo, que em Roma, no jardim do Cardeal Farnex, no espaço de dous mezes teve vinte & cinco pés de alto, & dizem que outro em Madrid crescea dez pés em huma noyte. De Ceylão, & outras partes circumvizinhas trouxerão os Portuguezes para Europa excellentes pao d'aguila. Ha muytas especies delle. O melhor he preto, pezado, & moço, & difficilmente se acende. Diz Serapion, que he quente, & seco no segundo grau, o que parece contradicção. Conforta o cerebro resfriado, tomando o fumo pelos narizes, chamão-lhe vulgarmente, *Agallochum. Vid.* Aguila. Na Ilha de S. Lourenço, os naturaes chamão ao pao d'aguila *Teteeh*. Outros chamão-lhe *Pimpi*; dizem os nossos Botanicos, que he o *Xiloloi* dos antigos.

Pao das Antilhas. He o que chamão *Guayação* nas Indias de Castella, donde vem. He arvore da feyção de buxo. O de S. Domingos he melhor, que o que vem de S. João; & chamão-lhe *Pao Santo*, por seus maravilhosos effeitos. He pezado, duro, & tem a casca bem pegada, & a cor entre fusco, & amarello. Serve para todas as doenças, que he necessario gastar, & resolver por fuor. Na pag. 255. & 256. da sua Recopilação ensina Antonio da Cruz o modo de cozer este pao, & usar delle. *Vid.* Antilhas.

Pao de cobra. Segundo João Hugo Lintcotano. Histor. da India Oriental, part 8. fol. 78. he huma planta humilde, cuberta de huma casca cinzenta, & alpera. A côr delle he branca, declinante a amarello: he muyto duro, & amargoso; tem grande virtude, principalmente na raiz contra todo o genero de peçonha, & mordeduras de cobras, donde lhe veyo o nome. Ha muytos na Ilha de Ceylão. Hum bicho, a que os naturaes chamão *Quil*, ou *Quipela*, da feyção de forão, descobrio a excellencia deste contraveneno, porque como o dito bicho he inimigo mortal das cobras, & peleja com ellas, quando o mordem, acha na raiz do dito pao o remedio. Garcia da Horta

PAO

Horta traz tres castas delle. *Lignum seripentum*, ou *contra venenosos serpentum morsus*. Vid. Quil.

Pao da China. São humas raizes, que nascem na China a modo de batatas, & tem alguns nós; na China se comem como batatas, ou nabos, quando as tirão da terra frescas, ou como tubaras da terra. Este pao para curas he melhor, quando he pezado, & de poucos nós, ou nenhum, & liso, ou que não tenha buracos, nem caruncho, & a cor de sóra que tire a louro, & o que he branco por dentro, cor de rosa, he melhor que o vermelho. Chama-se esta raiz na lingua dos Chins *Lampatam*, & no Decão, *Lampados*. Sahem desta raiz a flor da terra hûas vergontes como penas de escrever, mayores, ou menores conforme a raiz, cujas folhas são poucas, & da feyção de laranjeira nova. Da China onde nasce em grande abundancia trouxeraõ os Chins esta raiz à nossa Índia no anno de 1535. Dizem que tambem se acha no Malavar, Cochim, Cranganôr, Coulão, Tanôr, & outros lugares daquellas partes. Diz Monardes, que trazem algum das Índias Occidentaes. Na pag. 253. da sua Recopilação ensina Antonio da Cruz o modo de o cozer, & applicar a males venereos.

Pao santo. Vid. Jacarandá.

Pao santo. Hûa das especies do Guayaco, ou Guayacão. Deraõ-lhe este nome pelos seus admiraveis effeytos. Segundo Monardes, he hûa arvore mais pequena que guayacão, & tem o tronco, & ramos mais delgados, & quasi não tem coração, senão he algum pequeno, que se acha quasi no tronco, onde o pao he mais grosso. Pena o descreve, dizendo que he arvore do feytio do freyxo, mas alguma cousa menor, com casca da mesma cor, folhas de tanchagem, mas mais grossas, mais pingues, & mais pequenãs, & o fruto do tamanho de hum a noz. Acrecenta Fallopio, que tem humas flores amarellas, a casca cinzenta por fóra, & por dentro fusca. Convem todos em que he mais aromatico, mais acre, amargoso, & pin-

Tom. VI.

PAO

219

gõe, que o dito guayacão. O mesmo Pena lhe chama tambem *Palma santa*, & diz que huns marinheiros Inglezes lhe mostrãõ hum ramo delle direyto com folhas como de cidra, mascarnolas, calvas, mais largas, & mais curtas que as do louro, & que na ponta do ramo havia huns folhinhos pallidos, como de couro, redondos, & cerceados do tamanho de hûa moeda de ouro Franceza, (que vem a ser pouco mais que meya moeda de ouro Portugueza) dentro dos quaes estava hum semente da figura, & cor de hûa lentilha, porém mais chata, & amargosa.

Pao Brasil chamão os Portuguezes à planta, que os naturaes chamão *Ibirapitanga*. Tem a casca fusca, armada de pequenos espinhos, ramos, & folhas oppostas humas às outras, & flores a modo de bolotas, mas ocas, & do comprimento de dous dedos. He do tamanho dos nossos carvalhos, & às vezes tão grossos, que tres homens não o podem abraçar. O pao he muyto duro, & vermelho, & de sua natureza tão seco, que quando o queymão dá pouco fumo. Tinge tanto, que até as suas cinzas misturadas acafo em hum a barrela, fizeraõ a roupa tão vermelha, que não foy possivel tirar a cor. Tambem chamão Pao Brasil, outra planta, tambem cuberta de espinhos, q tem as folhas quasi da figura do coração, & ramificadas com muytas veas, que do centro até a extremidade vão formando varios circulos. Este pao por dentro he muy vermelho, & delle usãõ os Tintureyros, posto que em alguns Reynos he prohibido, porque o vermelho que este pao communica, facilmente evapora, & desvanece. E he para advertir, que todo o licor azedo, como çumo de limão, vinagre estillado, &c. muda a decocção do pao Brasil em amarello, o oleo de tartaro a faz roxa, & com pedra hume se faz mais vermelha que lacre. *Brasilium lignum rubrum*, ou *lignum Brasiliæ*, i. Neut. sem mais nada.

Pao d'arco. Arvore do Brasil, a que os naturaes chamão Guirapariba, ou Vru-pariba. Lança folhas muyto verdes em

V

molhos

230

PAO

molhos, cada molho quasi sempre de cinco folhas. Dá flores amarellas, que na Primavera cobrem toda a arvore, & fazem fermosissima vista.

Pao Gamelo. Arvore do Brasil, a que os naturaes chamão, *Coassiba*. Tem varias especies, humaa a modo de faya na altura, & na figura com casca cinzenta, a qual ainda que grossa facilmente se separa do seu tronco. Dá folhas compridas, que colhidas pelo pé deytão humor branco como leyte. As flores são como rosas brancas, com alguma vermelhidaç, & descança o fruto na sua concha a modo de bolota. Outra especie lança grandes ramos, & hum fruto redondo a modo de bola, verde por fóra, & vermelho por dentro, & cheyo de granitos, semelhantes a milharas de sigo.

Pao d'alho, ou Cipó d'alho. Planta do Brasil, a que os naturaes chamão *Ibirarema*, & em alguns lugares, *Tipi*. He hũa herua do mato muyto grande, & muyto alta, assim chamada, porque a qualquer leve contacto exhala hum cheyro, que sabe a alho tão forte, que inficiona os campos, & as casas. Da casca pizada desta planta tira o Gentio huma especie de visco, do qual usa para remedio de varias enfermidades.

Pao molle, ou pao velho. Arvore do Brasil, a que os Portuguezes deraõ este nome, porque tem a casca molle, & cheya de rugas. Os frutos desta arvore são a modo de bolotas, & a dita arvore não he muyto diversa da que Dodonco chama, *Siligna dulcis*.

Pao podre. Arvore do Brasil, que dá bolotas. Os naturaes lhe chamão, *Gua-biporacai*. He hum das especies de outra arvore do Brasil, a que os Portuguezes chamão *Pao molle*, & *Pao podre*. Vid. *Guilielm. Pison. lib. 2. cap. 19. & lib. 4. cap. 34. De Facultatibus simplicium*.

Pao ferro. Vid. *Barbusano*. Vid. *Antenilha*.

Pao Real. Vid. *Real*.

Pao. Qualquer das nove peças do jogo dos paos. Alguns modernos chamão a estes paos *Trunculi, orum*. Masc. ou *Py-*

PAO

ramidule, arum. Fem. ou *metule*, arum. Fem. Plur. Não sabemos se este jogo toy conhecido dos antigos, & por isso ignoramos o nome, que poderia ter em Latim. Eu para mim antes dissera, *Metule*, porque me parece palavra mais Latina, & mais propria. *Pyramidule* não he palavra Latina. O jogo dos paos. *Metularum ludus*, i. Masc. D-rubar quatro paos de hum lança. *Quaternas simul*, ou *uno impetu metulas dejicere*. Armar os paos. *Metulas struere*, ou *disponere*. Armar os paos, Metaphoricamente, he dispor as cousas em ordem ao seu intento. *Aliquid parare*, ou *comparare*, ou *struere*, ou *moliri*. Armar os paos a alguem para o enganar. *Dolum alicui struere*, ou *moliri*, ou *commoliri dolum ad aliquem*. *Poeta apud Cicron*. (De sorte que lhe armão os paos em tal forma, que &c. O P. Anton. Vieira, tom. 1. pag. 777.)

Pao de gallinha. Bichinho do Brasil, negro & com azas. Cria-se em terras humidas, & alagadiças, & roe as raizes das canas de agucar. Os naturaes lhe chamaõ *Guirapeacoca*. Vid. *Guilielm. Pison. cap. 16 lib. 2. Hist. Plant.*

Paos, ou varas, em que andão bolatins. São hús paos, igualmente compridos, que os bolatins atão às pernas, & tem hum pedaço de taboa em que se firma, & descança o pé. Em varios paizes usão destes paos os pastores, quando querem vadear ribeyras. *Gralle*, arum. Fem. Plur. *Varro*. Bolatim que anda em paos destes. *Grallator*, is. Masc. Plauto. Chama o mesmo Plauto *Gradus grallatorius*, às grandes passadas, que dão os que andão sobre varas. O P. Bento Percyra, declarando na sua Profodia a palavra *Gralle*, chamalhe *Pé de pao*, & para mayor clareza diz, que são humas varas alras com gancho, em que assenta o pé, & pegandose à haste, se anda em pé.

Paos. Hum dos quatro metacs do jogo das cartas. Huns homens espancraõ a certo villaõ, & vindo elle depois em busca delles com espada, disselhe outro homem: Villaõ, le o trunfo sahio de paos, quem te mete com espada?

Peixe

PAO

Peixe pao. Peixe do mar, de cor cinzenta nas costas, & branca na barriga. He o bacalhao seco. Os Hollandezes lhe chamão *Stochvisch*, que val o mesmo que *Pao de peixe*, & daqui vem, que lhe chamamos *Peixe pao*, como tambem, porque he muyto duro. *Afillus, i. Masc. Plin.*